

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Permanências e resistências religiosas no sertão de Minas Gerais: interfaces entre as festas religiosas e a SUDENE - Januária 1962/2006

Iara Toscano Correia*

Resumo: O artigo relaciona as políticas desenvolvimentistas adotadas no Brasil, a partir da década de 1950, às transformações ocorridas na cultura popular no município de Januária (MG).

Palavras Chave: Cultura Popular, religiosidade popular, desenvolvimentismo

Abstract: The article relates the adopted development politics in Brazil, from the decade of 1950, to the occurred transformations in the popular culture in the city of Januária (MG).

Key Words: popular culture, popular religiosidade, development.

O saber que se amalgamou, no Norte de Minas através de gerações estava diretamente ligado à natureza circundante e sobreviveu praticamente intocado, até por volta da década de 1950. O isolamento dessa área do restante do país se justifica pelo desinteresse do poder central para com essa região, que a considerava “pobre” para o tipo de exploração capitalista que até então vinha sendo empregada. Somente no final da década de 1950, o interesse por essa região como potencialidade econômica ocorreu com as políticas desenvolvimentistas aplicadas a partir deste período.

A política brasileira dos anos de 1950 trazia uma forte conotação desenvolvimentista, pretendia-se transformar esse país essencialmente agrário, deixando de lado um modo de viver rústico, para dar lugar à modernidade. Nas palavras de Schwarz: *tratava-se de minar as raízes do país caipira para enquadrá-lo no rol das nações desenvolvidas* (SCHWARZ, 1994: p. 6-9).

O nacional desenvolvimentismo adotado na política de Juscelino Kubitschek (1956-1961) contribuiu para uma euforia industrializadora no país. Nesse momento, o Estado passaria a fomentar o desenvolvimento econômico através de investimentos maciços nos setores de infraestrutura. O Plano de Metas, a ser implantado durante os cinco anos de seu mandato – com o

* Mestre em História Cultural pela UFU, professora do curso de História do Centro de Educação Integrada do Vale do São Francisco.

famoso e controverso slogan que sugeria avançar 50 anos em 5 de governo – trazia três prioridades básicas: energia, transporte e alimentação. Com a adoção dessa política, pretendia-se sanar os problemas viários, de circulação e de distribuição que, até aquele momento, representavam os maiores entraves à consolidação do capital nacional. Enfim, a palavra de ordem era *modernizar* a todo custo.

Juscelino Kubitschek moderniza o “país” e é uma realidade a industrialização e urbanização, contudo, regiões carentes tal como o Nordeste e o Norte de Minas eram espaços de tensões para os quais a ideologia desenvolvimentista concebeu um projeto técnico que propunha a modernização da agricultura para satisfazer os interesses das oligarquias regionais. A SUDENE – Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste – criada em 1959, foi a agência responsável pelas medidas que iriam fomentar o desenvolvimento da região Nordeste, incluindo o Norte de Minas à macro-região Nordeste do país que, acima de tudo, seria utilizada como forma de atender aos interesses das oligarquias nordestinas.

Dentro deste modelo de intervenção, criou-se uma área de planejamento denominado “Polígono da Seca”, sob a jurisdição da SUDENE, que apresentava como causa para o subdesenvolvimento dessas áreas as condições climáticas adversas, característica da região. Segundo Rodrigues: (...) *a seca era apontada, por diversos segmentos, como a causa principal do subdesenvolvimento da região. Por causa dela o governo federal e estadual atendia, periodicamente, a população enviando alimentos, abrindo frentes de trabalho e construindo açudes, em épocas críticas.* (RODRIGUES, 2000: p. 118).

A maioria dos municípios do Norte de Minas foi inserida na SUDENE, por apresentarem indicadores sócio-econômicos semelhantes aos da região Nordeste. A partir da década de 1970, estas cidades passaram a ser alvo de inúmeros projetos desenvolvimentistas fomentados por diferentes agências governamentais, principalmente aqueles ligados a SUDENE e articulados com a CODEVASF - Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco – e com o DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra as Secas — que se ocupariam do desenvolvimento econômico da bacia hidrográfica do Rio São Francisco.

Os projetos da SUDENE tinham como finalidade fomentar uma política de industrialização e modernização da agricultura, visando, acima de tudo, atender aos interesses de um mercado agro-exportador. O projeto de plantio de eucaliptos na região do Bonito de Minas (MG) é exemplar neste aspecto. Quase toda a área da bacia do rio dos Cochos, um importante afluente do Rio São Francisco, foi desmatada para o plantio de eucaliptos, sob os auspícios da SUDENE. A imensa área desmatada provocou desequilíbrios ambientais e sociais irreparáveis

para a região, inclusive com o completo assoreamento deste Rio, que era perene. Logo após o plantio das mudas de eucalipto, toda essa área foi abandonada.

Essas mudanças ocorridas em nível econômico, contribuíram para a saída do homem do campo, pelo menos no que diz respeito aos pequenos agricultores, aos vazanteiros e geraizeiros que não estavam inseridos e tampouco se beneficiaram com tais políticas agrícolas, e, principalmente, daqueles que garantiam o seu sustento a partir daquilo que a natureza generosamente lhes dava. Com a extinção das matas dos gerais para o plantio de monoculturas, com a demarcação dessas áreas em propriedades privadas, e não contando com outro meio para extrair os produtos da terra, estas pessoas se viram obrigadas a migrar para as zonas urbanas em busca da sobrevivência. Isso refletiu diretamente no cotidiano dessas pessoas que, ancestralmente, retiravam o seu sustento da natureza.

Essas transformações levaram essas comunidades a se adaptarem a uma nova forma de vida. É possível ler essas adaptações através de expressões da cultura popular. Compreendemos que a cultura popular deve ser interpretada pelo viés das lutas travadas entre as comunidades tradicionais e a sua inserção na lógica de produção capitalista. Assim, os processos migratórios operados a partir da implantação de grandes projetos voltados para o agro-negócio estão na base da dinâmica da cultura popular. Ecléa Bosi captou essa temática e, com muita sensibilidade, propôs o conceito de desenraizamento cultural para compreendermos o fenômeno da migração brasileira.

Refletindo sobre tais questões, nosso estudo optou pelo recorte espacial em Januária, área de transição entre o sertão e os gerais, local onde verificamos os impactos das políticas modernizadoras nas experiências de cultura popular. Januária já foi considerado um dos maiores municípios de Minas Gerais, a sua extensão territorial original era 55.372 km². No entanto, fragmentou-se dando origem a inúmeros outros municípios que compõe a micro-região polarizada por Januária, tais como: Bonito de Minas, Cônego Marinho, Itacarambi, Jaíba, Juvenília, Matias Cardoso, Miravânia Pedras de Maria da Cruz, Pintópolis, São João das Missões.¹ Hoje o Município de Januária mede 7.299 Km².

Em um primeiro levantamento identificamos inúmeras práticas populares que sobreviveram e se (re)significaram ao longo dos anos. As populações ribeirinhas, do Norte de Minas, com uma forte ligação com a Bahia e o Pernambuco, transitavam livremente em toda a extensão do rio, provocando as trocas identitárias e culturais, que ainda estão presentes em

¹ Dados retirados do levantamento realizado por: PEREIRA, Antônio Emílio. Memorial Januária Terra, Rios e Gente. Belo Horizonte: Mazza edições, 2004, 640p.

diversas expressões desse povo do Rio da Integração Nacional. Além da circulação no interior dos gerais, através de antigas trilhas e estradas.

São inúmeras as manifestações populares que ainda hoje são ritualizadas no cotidiano dessas comunidades e municípios. Coletamos um material que aponta para uma forte presença do catolicismo popular e estão relacionadas a esse universo mágico devocional da religiosidade popular.

A folia, como nos esclarece Brandão [...] *é um grupo precatório de cantores e instrumentistas, seguidos de acompanhantes e viajores rituais, entre casas de moradores rurais, durante um período anual de festejos dos Três Reis Santos, entre 31 de dezembro e seis de janeiro.* (BRANDÃO, 2004: p. 347)

As folias presentes na região estudada se expressam através de diferentes dramatizações: o Reis dos Cacetes (ou rei dos Temerosos), o Reis de Bois, o Reis de Caixa, Reis da Lapinha, além dos ternos das pastorinhas, das ciganas, etc. Estas são algumas das variações encontradas na forma de louvar a visita dos Três Reis Magos ao pequeno Jesus.

A musicista Clarice Sarmiento catalogou várias expressões da cultura popular em Januária e descreve assim o Reis dos Cacetes:

(...) a função é organizada em rodadas. Um apito anuncia o término da rodada. Há uma introdução feita pelos instrumentos e, entre cada música, pode haver uma repetição da parte instrumental acompanhada apenas das batidas dos cacetes bastões sextavados de 0,80 cm mais ou menos, pintados de branco (Januária) ou branco-azulado (São Francisco). Numa abertura da extremidade, são colocados tampinhas amassadas de garrafa que soam como pandeiros com os movimentos. Acompanham os cantos: Acordeon, Caixas, Pandeiros e, às vezes violão. (SARMENTO, 1994: p. 16)

As festas de Reis iniciam-se ao final do mês de dezembro, quando começa a arrecadação dos produtos para o leilão, e termina no início do mês de janeiro, quando se comemora o dia dos Santos Reis, em 06 de Janeiro. Isso oficialmente porque geralmente, entra janeiro adentro. Já foi muito comum na região as andanças dos grupos de folias de reis pelas fazendas e roças durante todo esse período. Esta tradição tem se tornado cada vez mais rara, principalmente, porque o ritmo de vida adotado nas cidades, não permitem a ausência do trabalhador assalariado das suas funções por tão longo período e, também, devido à dispersão dos grupos. Os jovens já não seguem com a tradição da família. Não faz sentido para eles, que moram nas cidades, a ritualização de uma festa ligada a um calendário agrícola, que tinha como finalidade marcar o encerramento da colheita e o início de um novo período de plantio.

O outro grupo catalogado foi o de Reis de Bois. Nessa folia estão presentes vários personagens alegóricos: o Tamanduá, a Mulinha de Ouro, a Catita, o Boi e os Boiadeiros, (crianças que provocam os personagens com bastões de madeira). Nesse ritual o mais comovente

é o fato da perpetuação dessa manifestação estar nas mãos de crianças, que animadamente todos os anos se entregam à folia e ao festar. De acordo com as pesquisas de Clarice Sarmiento, esta folia está relacionada a um folguedo jesuíno, presente em todo o Brasil. Mas, esta não é uma festa homogênea: (...) *os nomes, as músicas, as letras, personagens, coreografia e até a ocasião de apresentação variam de lugar a lugar. Personagens de autos de vaqueiros se misturam a personagens comuns dos povoados, a personagens de outros reinados.* (SARMENTO, 1994: p. 12.)

Ainda segundo essa pesquisadora, a personagem Mulinha de Ouro, chamada também “burrinha” foi perdendo espaço para o boi, que passou a ocupar o centro da cena desta folia. Dividindo espaço com os vaqueiros e com o Tamanduá (personagem coberto de palha, dos pés à cabeça).

Tal como a Mulinha, o Boi é de armação, com uma ‘tripa’ dentro, cujos pés aparecem sob a chita que cobre a armação. O tema versa sobre o desejo de uma mulher grávida, o furto e a matança do boi, a divisão e oferecimento das partes às pessoas presentes ou de destaque no povoado, feito às vezes com bastante malícia. O ritmo é acompanhado por pandeiros, caixas, chocalhos e palma. (SARMENTO, 1994: p. 12)

Um outro aspecto interessante em que se apresentam as folias diz respeito aos ternos. Os ternos são grupos formados, geralmente, por crianças ou adolescentes, que recebem o nome de acordo com o traje que vestem. Em Januária, pudemos identificar o terno das Ciganas e das Pastorinhas. O terno das pastorinhas, por exemplo, é composto de uma mestre e uma contra-mestre que chefia as alas, que se dividem em duas fileiras de dançarinas. No caso das pastorinhas, os vestidos apresentam aventais, chapéus e pandeiros com fitas. No caso das ciganas, os vestidos são em vermelho e preto, lenços vermelhos com adereços e bijuterias, típica da cultura cigana. Ainda se apresentam os músicos, violeiros e percussionistas que fazem o acompanhamento das músicas entoadas pelas mulheres. Não sabemos como funciona a dinâmica habitual destes ternos em seu lócus original, o meio rural. No entanto, os relatos nos indicam que as peregrinações, características das folias, eram comuns nestes ternos. Essas meninas acompanhavam os grupos de folias, caminhando por fazendas e roças da região durante todo o período da festa.

O estudo de Carlos Rodrigues Brandão nos esclarece que a festa de santo acontece em um momento de quebra da rotina de trabalho e do isolamento, características de uma população rural, em que se recria a jornada bíblica dos Três Reis Magos, partilhando e compartilhando os bens entre os devotos e produtores agrícolas. (BRANDÃO, Carlos Rodrigues, 2004: p. 393)

Estas características presentes e fundamentais nas relações que permeiam as comunidades rurais tradicionais são diluídas e (re)configuradas no espaço urbano. Se naquele

ambiente as relações de troca eram fundamentais para garantir a coesão de um grupo disperso, na cidade esta relação remete a preservação de valores ligados a uma teia de solidariedades, necessárias à manutenção das pessoas que habitam as cidades. No dia da festa, ou da apresentação, aqueles que sobrevivem nas sombras do cotidiano das cidades, nos bairros marginalizados, invisíveis na sua condição de excluídos, ocupam o centro e ganham a visibilidade da praça. São os seus acordes e movimentos que, pelo menos nesse instante, marcam a cadência daqueles que por ali circulam.

Apontamos, por último, a presença constante da Dança de São Gonçalo no cotidiano das cidades do Norte de Minas. Esta dança não tem uma data fixa no calendário, acontece toda vez que alguém tem uma promessa junto a esse santo e solicita as rodas. A dança de São Gonçalo é uma reza dançada. Segundo Brandão:

São Gonçalo do Amarante é um santo português. É associado a cultos católicos populares em sua terra de origem. Alguns deles guardam até hoje evidentes características de sensualidade feminina, muito ao contrário do que acontece no Brasil, muito embora aqui como lá ele seja considerado o protetor preferencial das mulheres 'mais velhas' e que ainda não conseguiram um casamento ou, no limite, um homem. Algumas lendas o apresentam como um padroeiro das prostitutas e também de violeiros (em sua imagem aparece com um viola de tipo caipira). Diz-se que depois de morto descia dos céus nas noites de sábado e fazia dançarem as prostitutas até a exaustão, a fim de que não pecassem no 'dia do Senhor'. No Brasil e, mais ainda, entre camponeses de São Paulo, a Dança de São Gonçalo é desvestida de qualquer aparência de sensualidade. Isso porque, entre outras razões, na maior parte dos casos ela é dançada 'por alma', isto é, em nome do cumprimento da promessa de um morto. (BRANDÃO, 1989: p.191-2).

Apenas mulheres podem participar da dança, com a presença de um marcador do sexo masculino. Elas se vestem com vestido branco, com laços e fitas da mesma cor. Fazem evoluções com arcos enfeitados de rendas e flores, também brancos. As complexidades dos passos da dança constroem e desconstroem rendas e bordados, que são desenhados à medida da evolução dos passos. As mulheres se cruzam umas com as outras, nas fileiras em que estão dispostas e a figura do mestre é quem conduz os movimentos. Vez por outra, os arcos se cruzam formando cestas ou grandes arcos.

As festas que descrevemos nesses estudos nos foram apresentadas sob a forma da dramatização espetacularizada. Com exceção da Dança de São Gonçalo, o que pudemos registrar foram “apresentações” desses rituais. Isso nos leva a refletir sobre a característica que a cultura popular vem adquirindo na sociedade contemporânea. O advento da globalização tem feito com que, cada vez mais, os regionalismos se destaquem e as identidades locais e regionais ganhem

visibilidade. No entanto, este tipo de comportamento não deve ser compreendido apenas pelo viés do puro jogo de interesses, característica de uma sociedade de classes. A apropriação dessas manifestações é o tempo todo reinventada e recriada, adaptando-se aos novos usos que dela se faz².

A cultura popular vem adquirindo um novo contorno. O que podemos perceber através de feiras e festas populares é uma intensa apropriação que se tem feito em torno dessas manifestações por parte dos poderes públicos e de organizações da sociedade civil. É possível perceber um novo discurso sendo construído sobre a importância do “resgate da cultura popular”, muito associado a uma idéia de espetacularização do “folclore”. Essas relações reinventam as festas populares, que acabam ganhando visibilidade nesta data e nestes espaços construídos a partir “de fora”.

No entanto, são nesses mesmos espaços “artificializados” em que se garante a permanência da festa. Essa relação entre poder e cultura, pode ser compreendida pelo viés da resistência, de acordo com as teorias desenvolvidas por Michel de Certeau ao analisar o cotidiano.

Os movimentos populares possibilitam compreender as visões de mundo expressas nos rituais simbólicos próprios da cultura popular. E, da mesma maneira, quando esses rituais e tradições mudam de registro, é possível a partir daí identificar uma mudança ocorrida no mundo econômico, social e político, na realidade envolvente e na própria concepção de mundo desses sujeitos. Não podemos conceber a cultura como algo estático e acabado, o nosso compromisso nessas análises é o de perceber os novos espaços que lhe estão sendo dado e a forma como vêm sendo apropriados, tanto por aqueles que a produzem, quanto por aqueles que a consomem.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Dançar pelo morto – uma dança votiva por alma de mortos, entre lavradores e sitiantes de São Paulo. In: _____. **A Cultura na rua**. Campinas: Papirus. 1989, p.191-2.

² C.f.: CANCLINI, Nestor Garcia. *Cultura Híbridas*. São Paulo: Edusp, 2006; MACHADO, Maria Clara T. *Folia de Reis: liturgia do povo recriando o mistério da vida*. In: MACHADO, Maria Clara T. e PATRIOTA, Rosângela. (org.). **Histórias e historiografia: perspectivas contemporâneas de investigação**. Uberlândia: EDUFU, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo:** símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: UFG, 2004, p. 347.

BOSI, Ecléa. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo. **Cultura brasileira:** temas e situações. São Paulo: Ática. p. 17.

CANCLINI, Néstor G. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1. artes de fazer. Tradução Epharaim Ferreira Alves. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 89.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Lisboa, DIFEL, 1998.

EAGLETON, Terry. **A Idéia de Cultura.** São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

MACHADO, Maria Clara T. **Cultura Popular e Desenvolvimentismo em Minas Gerais:** caminhos cruzados de um mesmo tempo. Tese (Doutorado em História) Universidade de São Paulo, 1998.

MACHADO, Maria Clara T. Folia de Reis: liturgia do povo recriando o mistério da vida. In: MACHADO, Maria Clara T. e PATRIOTA, Rosângela. (org.). **Histórias e historiografia:** perspectivas contemporâneas de investigação. Uberlândia: EDUFU, 2006.

MATA-MACHADO, Bernardo Novais da. **História do sertão noroeste de Minas Gerais.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1991.

LUZ, Cláudia & DAYRELL, Carlos (org.). **Cerrado e Desenvolvimento:** tradição e atualidade. Montes Claros: UNIMONTES, 2000, p. 19-45.

RODRIGUES, Luciene. Formação econômica do Norte de Minas e o período recente. In: OLIVEIRA, Marcos Fábio M. Et al. **Formação social e econômica do Norte de Minas.** Montes Claros: UNIMONTES, 2000. p. 118

SARMENTO, Clarice. **Januária Canta:** folclore do Município de Januária. Vol. I. Boletim de Registro e Divulgação do Folclore no Norte de Minas. UNIMONTES, Ano I, 1994, p. 16.

SCHWARZ, Roberto. Fim do século. Folha de S. Paulo. São Paulo, 4/12/1994. **Mais!**, p. 6-9.